

A VIAGEM DE HILLARY CLINTON

por Mário Soares

1. A tourné da Senhora Clinton foi um êxito mediático - e, espero - também diplomático. Começou, significativamente, pela Ásia, o continente emergente, por sinal também gravemente contagiado pela crise global. Tratava-se de mostrar a abertura do Presidente Obama com vista a uma nova geo-estratégia global, baseada nas negociações - e não na força - e no respeito pelos Direitos Humanos, pelo multilateralismo, pelas Nações Unidas, pelo ambiente global, em defesa do Planeta ameaçado, em suma, pela paz.

Com efeito, é importante que a paz passe a ser uma das preocupações maiores dos Estados, numa época de crise financeira e económica global grave, quando temos a experiência do post-crise de 1929, que conduziu à ascensão do nazismo, à guerra internacionalizada de Espanha e ao horror da II guerra mundial...

Hillary Clinton, começou pelo Japão e pela China - dois Estados fortes que estão a ser, inesperadamente, muito atingidos pela crise - interessou-se, como era inevitável, pelo Próximo Oriente - e pela agressividade de Israel relativamente à Faixa de Gaza - falou com os russos, sobre as relações russas, europeias, americanas e também sobre o Afeganistão e o Irão, e com a Turquia, país chave da Região, sobre a Síria, donde tinha estado uma delegação dos Estados Unidos e o Próximo Oriente, onde o conflito israelo-palestiniano continua a ser a causa principal das maiores preocupações.

A viagem da Senhora Hillary não podia ser mais rica em contactos nem mais auspiciosa. Por toda a parte, foi recebida com grande curiosidade, cortesia e atenção. Barack Obama, antes da partida da Senhora Clinton, tinha dito o suficiente sobre a sua política externa para abrir todas as portas. Não perdeu tempo. Da proposta à Rússia sobre a redução dos armamentos nucleares - que interessa vitalmente às duas partes - à retirada das tropas americanas do Iraque e às manifestas preocupações com o Afeganistão, transformado no maior produtor de droga (ópio) mundial.

A China tem como sempre a sua política, centrada neste momento sobre a crise e os seus efeitos dramáticos num país como a China. Grande credora dos Estados Unidos não quererá, nesta fase, criar-lhe mais problemas do que aqueles que já existem. Até as relações entre a China e Taiwan melhoraram sensivelmente, o que é um sinal dos tempos.

Quanto à Rússia, um potentado económico com alguns pés de barro, as declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov, na Conferência do Desarmamento, em Genebra, não podiam ser mais animadoras. Propôs um Tratado Start II, dado que o Start I expira em 5 de Dezembro do ano em curso e é urgente, como disse, citando as palavras do Presidente Dmitri Medvedev, "olhar em frente", devendo limitar não apenas o número de ogivas nucleares mas

também o de sistemas estratégicos de disparo dessas mesmas armas (mísseis balísticos intercontinentais, mísseis balísticos submarinos e bombardeiros pesados).

Por seu lado o Irão, há poucos meses ainda um dos países do "eixo do mal", parece disposto a conversar com os Estados Unidos, para o restabelecimento de relações normais, e a intervir, em parceria com os Estados Unidos e a Rússia, em conversações sobre o Afeganistão, país altamente problemático, como se sabe, dada a fragilidade em que se encontra, vizinho do Paquistão, país detentor da bomba atómica, na fronteira dos quais estão alojadas, ao que se diz, as bases dos talibãs e, porventura também, da Al Qaeda.

Hillary Clinton e o ministro russo Serguei Lavrov encontraram-se em Genebra, no passado dia 6, para dar um novo impulso às relações russo americanas e preparar o encontro entre os seus dois Presidentes, Barack Obama e Dmitri Medvedev, que se deve realizar em Londres, em 2 de Abril próximo, à margem da Cimeira dos Países do G20 sobre a crise financeira e económica. O que representa uma nova prova do desejo dos dois grandes rivais do tempo da "guerra-fria" em voltar a página e entrar numa nova era geo-estratégica global...

2. A União Europeia, enquanto tudo isto se passa, permanece debruçada sobre o seu próprio umbigo sem ser capaz de definir uma estratégia concertada sobre a crise, que toca todos os países-membros da União, a começar pelos maiores e também pelos países do Leste, recém entrados para a União. É um péssimo sintoma para o futuro. A paralisia institucional da União agrava seriamente a situação e o facto de se fazer representar nas reuniões internacionais - como na Cimeira de Londres de 2 de Abril próximo - pelos países chamados do "Directório dos Grandes" não augura nada de bom para o reforço do futuro da União, quer no plano económico quer político.

Vai haver dentro de 3 meses eleições para o Parlamento Europeu, que nunca foram muito concorridas relativamente às nacionais, legislativas ou autárquicas. Porquê? Porque nunca se quis fomentar a cidadania europeia, fazendo participar todos os eleitores europeus nas decisões da União. Daí, em grande parte, o desinteresse das populações europeias pelo que se passa no Parlamento Europeu e na Comissão, uma vez que lhes falta informação que suscite o seu interesse sobre as decisões tão importantes dos deputados, dos membros políticos da Comissão e de toda a imensa burocracia que para eles trabalha e faz andar a máquina comunitária.

Espero que nas próximas eleições para o Parlamento Europeu se possa finalmente realizar um debate sério, entre os países membros, sobre o futuro da União, não só de modo a tornar inevitável uma estratégia concertada, para vencer a crise, como é indispensável, mas também para que se defina uma estratégia política institucional, que impeça a desagregação da Comunidade (uma ameaça que pesa sobre as nossas cabeças) e para que se criem instituições políticas, capazes de fazer da União um agente global, com um papel decisivo num mundo em profunda mudança.

Se assim não for - e os países que não quiserem seguir esse rumo, como o Reino Unido ou outros, que fiquem para trás, sem impedir os outros de caminhar em frente - a União e todos os países que a constituem, a começar pelos maiores, entrarão em inevitável decadência. Nesse aspecto, o eixo franco-alemão tem grandes responsabilidades, que não poderá enjeitar...

3. Palestina e Israel cujo conflito parece eterno, com as modificações geo-estratégicas que se preparam no Próximo Oriente, terão necessariamente de entrar numa nova fase, apesar do Governo de Israel ser talvez o mais à Direita dos últimos anos. Mas as coisas têm em si mesmas uma lógica que muitas vezes transcende a vontade dos dirigentes.

A demissão anunciada do Primeiro-Ministro Salam Fayad, apresentada ao Presidente da Autoridade Palestiniana, Mahmud Abbas, pode ter a ver com isso. Tanto mais que Fayad se encontrou com a Secretária de Estado, Hillary Clinton, na passada semana e passa por ser um amigo próximo dos Estados Unidos, relações que foram criadas quando foi funcionário superior do Banco Mundial. Na sua versão, a demissão visa favorecer as negociações para a formação de um governo de unidade nacional entre o Hamas e a Fatah e a divisão entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

Contudo, na extremamente complexa política da Palestina e de Israel, há sempre segundas intenções que não resultam claras, à primeira vista. Poderá ser esse o caso. No entanto, parece óbvio, que dado todo o arranjo geo-político em curso na Região, tanto à Palestina como a Israel só lhes resta um caminho a seguir: o das negociações e da paz.

Lisboa, 10 de Março de 2009